



XIII Seminário Nacional Sociologia & Política
Horizontes e desafios para refletir sobre o contemporâneo
GT 12 – Sociologia e Políticas Públicas

Por uma Política Pública de Escrita: ensinar a Linguagem Simples para a democratização da cultura

Camila Ribeiro de Almeida Rezende¹

Maria Tarcisa Silva Bega²

1 Pós-doutoranda em Sociologia (UFPR), bolsista do Laboratório de Cultura Digital (LabCD) como Coordenadora de Linguagem Simples, convênio MinC e UFPR, Professora Temporária na Universidade Estadual do Paraná no Centro de Artes e Museologia, e-mail: camilararezende@gmail.com

2 Doutora em Sociologia e professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR, e-mail: tarcisa.silva@gmail.com

Por uma Política Pública de Escrita: ensinar a Linguagem Simples para a democratização da cultura

Resumo:

A Política Nacional de Linguagem Simples, aprovada pelo Projeto de Lei 6256/19, tem a intenção de facilitar a comunicação entre o Governo e a população, usando a linguagem para reduzir desigualdades e facilitar o acesso a serviços públicos. Nessa perspectiva, quando analisamos especificamente o setor cultural há um duplo desafio para a aplicação da Linguagem Simples: ela deve abarcar tanto as informações dos sites governamentais e editais de fomento da cultura, quanto a escrita das propostas submetidas a esses editais. Assim sendo, não basta que as informações e os editais estejam em Linguagem Simples. Para que a população consiga submeter propostas a esses editais é preciso domínio técnico de escrita de projetos culturais que também sejam acessíveis e compreensíveis. Surgem, então, alguns questionamentos: quem são as pessoas que têm o domínio técnico da escrita de projetos? Elas fazem parte das camadas da população menos assistidas ou excluídas do exercício de seus direitos culturais? Essas questões são importantes, pois a elaboração e gestão de projetos pela diversidade cultural deve prezar e preconizar ações que incidam sobre o problema histórico e estrutural do Brasil: a desigualdade social. E para lidar com a desigualdade do domínio técnico da escrita é preciso pensar em Políticas Públicas. Diante disso, o objetivo deste artigo é discutir a importância e a necessidade do ensino da escrita no âmbito da Política Nacional de Linguagem Simples, demonstrando o papel central que ele desempenha na democratização do acesso e da participação cultural. Este artigo faz parte de uma pesquisa teórico-prática de pós-doutorado em andamento, que integra o Projeto de Extensão Laboratório de Cultura Digital – um convênio entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Ministério da Cultura (MinC). A metodologia utilizada é a pesquisa-ação institucional, que também converge com um referencial teórico da sociologia e que contribui para pensar as dificuldades da escrita enquanto um problema da organização social. Assim, autores como Pierre Bourdieu, Howard Becker e Bruno Latour fomentam uma base sólida de reflexão, bem como a própria pesquisa de doutorado da primeira autora do artigo, que investigou qualitativamente e quantitativamente as dificuldades com o processo de escrita de estudantes de graduação, pós-graduação e docentes no primeiro *writing center* do Brasil, o Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica – CAPA/UFPR. Os resultados das discussões aqui apresentadas buscam incitar algumas reflexões, mas também propostas de ações de Políticas Públicas para a democratização da cultura através da Linguagem Simples.

Palavras-chave: Linguagem Simples; escrita; política pública; cultura.

Introdução

As dificuldades com a escrita são recorrentemente associadas às questões individuais e psicológicas dos sujeitos, e não às questões de ordem coletiva e sociológicas (BECKER, 2015). O que resulta disso é uma falta de prioridade sobre o debate do papel do social no processo da escrita (seja na ciência e/ou na produção cultural) e uma intensidade no papel individual – que, por sua vez, intensifica e estrutura um sentido neoliberal de produção. E como demonstra Howard Becker: “Os problemas que as pessoas têm ao escrever não derivam de alguma deficiência delas, de falta de dedicação, pouco talento [...] problemas pessoais são problemas da organização social [...] A organização social na qual você escreve está criando essas dificuldades para você.” (BECKER, 2015, p.7).

Assim sendo, ao analisarmos como a organização social da produção e gestão cultural, sobretudo nas universidades brasileiras, fundamenta os materiais bibliográficos acerca do processo de elaboração de projetos culturais, é recorrente encontrarmos um manual de “guias” e “manuais”. Entretanto, a construção desse material não é baseada em dados de pesquisa qualitativa e quantitativa, sob um prisma sociológico – levando em consideração que as dificuldades de quem escreve é um problema estrutural de uma cultura escrita que extirpa a Linguagem Simples e que não respalda institucionalmente, através de formação pedagógica, o processo criativo de elaboração de textos técnicos. Ademais, tais materiais foram escritos por “mãos” específicas (de classe, gênero, cor de pele e geração) que não atendem mais as demandas da realidade social e digital que enfrentamos hoje.

A constatação desse fenômeno não se restringe à apenas uma revisão bibliográfica sistemática sobre o tema, mas, na própria documentação pedagógica dos cursos de Produção Cultural no Brasil. Tanto na UFPR, quanto na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade do Pampa/UNIPAMPA as ementas³ da disciplina “Elaboração de projetos culturais” recorrentemente se baseiam nessas espécies de “guias” e “manuais” que são escritos pela perspectiva de quem domina a escrita técnica, e já está inserido(a) nesse meio. O material resultante dessa lógica não contempla e não é acessível para o/a estudante em formação sem o *habitus* (BOURDIEU, 2008) da cultura escrita do campo da produção cultural, e, menos ainda, para a comunidade externa à universidade, muitas vezes privada do acesso a essa formação.

³ Para o acesso às ementas, acessar os links:

UFBA <https://www.facom.ufba.br/portal2012/wp-content/uploads/2016/07/Com136-OFICINA-DE-PLAN-E-ELAB-DE-PROJ.-CULTU.pdf>

UFF <https://app.uff.br/iduff/consultaMatrizCurricular.uff>

UNIPAMPA <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cultura/files/2015/02/EMENTA%cc%81RIO-2-2014.pdf>

Não buscamos aqui deslegitimar tais “manuais” e “guias” e/ou as “experiências pessoais” dos produtores/pesquisadores/intelectuais. Tais produções e tal *locus* de investigação são importantes, são legítimas, são muito válidas e validadas no campo acadêmico e contribuem para a ciência. Entretanto, é preciso ir além delas e desse *locus* epistêmico e produzir pesquisas de cunho sociocultural capazes de apresentar uma base consistente e robusta de dados que permita conduzir uma análise científica a nível micro, meso e macrossocial, e o mais primordial: que tenha como cerne a diversidade cultural. Pois, como aponta Bourdieu:

o sistema de ensino gera um problema de escrita, que atinge o uso dos tempos e, por meio dele, o estatuto epistemológico do discurso. [...] Isso tornaria a repudiar o próprio projeto de qualquer empreendimento intelectual visando “imersão” na singularidade histórica para retirar dela os invariantes trans-históricos (é preciso deixar aos ensaístas ou aos compiladores o privilégio das generalidades intemporais que não engloba nenhuma outra referência histórica que não suas leituras ou experiências pessoais). (BOURDIEU, 2017, p. 58)

Essa crítica também pode ser observada nas palavras de Umbelino Brasil – professor da Faculdade de Comunicação da UFBA – na obra “Coleção Sala de Aula”, publicada pela Editora da UFBA (EDUFBA) em 2005, e organizado por Linda Rubim, Alexandre Barbalho e Antonio Rubim. Umbelino contextualiza a realidade da práxis de ensino a cargo da disciplina de “Projetos Culturais” e aponta um dado importante. Esse dado também foi observado durante a análise dos resultados da pesquisa de doutorado da primeira autora deste artigo (REZENDE, 2021) – sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes com a escrita acadêmica – que demonstrou que a dificuldade mais recorrente estava relacionada ao aspecto emocional do processo de “transformação” do “estado” “subjetivo” da escrita para o “objetivo”. Umbelino Brasil aponta tais aspectos problematizando a falta de abrangência dos manuais e guias sobre como elaborar projetos nesse processo formativo:

Traço, sim, um esboço de como se dá o andamento de um Projeto Cultural segundo os mandamentos dos manuais. Verifica-se, de imediato, uma subordinação rígida às normas de preenchimento dos formulários organizados pelas instâncias financiadoras e de fomento da cultura [...]. Depois de preenchidas as formalidades, o interessado tem pequenos espaços para expor toda a dimensão do seu Projeto Cultural e neles escrever os itens, considerados pelos financiadores como mais determinantes: “o objetivo, a justificativa e a estratégia de ação”, [...] É mecanicista a fórmula empregada para descrever a consistência dos conteúdos de quaisquer projetos culturais. Não estou descartando essa fórmula, ela é necessária e está válida. Tomo-a como parâmetro, porém discuto a sua amplitude, [...] Sabe-se que uma das principais dificuldades com a qual se defronta quem quer se dispor a estruturar um projeto cultural é dizer exatamente “o que se pretende fazer”, já que a esse desejo antecipa-se outra questão, no meu entender, mais complexa: “o processo de criação”, entendido como a ação humana de conceber, inventar, gerar, dar existência ao que não existe, ou dar nova forma e novo uso a alguma coisa, ou, ainda, de aperfeiçoar coisas já existentes. [...] Nesse caso, se o “projetista cultural” não mantiver o que chamo de equilíbrio metodológico contínuo, corre o risco de terminar com uma massa de informações que não produz dados consistentes e nem resulta num sólido Projeto Cultural [...]. A minha proposta é a de que a clareza que se tenha

em relação aos problemas de elaboração de um Projeto Cultural deva ser um passo fundamental dentro do processo de criação, pois outras decisões que seguem, após esta etapa exigem uma visão aguçada do projetista cultural, e dependem, de maneira intrínseca, do “método científico” a ser aplicado na sua elaboração. [...] E um Projeto Cultural na sua fase de elaboração assemelha-se a uma pesquisa científica. (BRASIL, 2005, p. 123-124-125).

Brasil (2005) apresenta a relação explícita que existe entre a elaboração de projetos culturais e a escrita acadêmica. Sua articulação contribui para reforçar a importância da pesquisa desenvolvida junto ao Centro de Assessoria e Publicação Acadêmica (CAPA) da UFPR, o primeiro centro de escrita do Brasil, que resultou na tese de doutorado: “Como escrever academicamente: uma sociologia artística da escrita acadêmica, das emoções e do processo criativo” (REZENDE, 2021). Os principais resultados da pesquisa demonstraram que 85,17% da amostra de 573 participantes possuía dificuldades de escrever pois não sabiam “como” se adequarem às regras, ao funcionamento e as dinâmicas do campo acadêmico – especificamente no processo do “como” deixar o texto objetivo, claro, conciso. Já 9,25% dos participantes demonstraram que a dificuldade com a escrita é decorrente da falta de familiaridade com o campo. Essa parcela da amostra foi esmagadoramente de estudantes de graduação, dos primeiros períodos, que ainda não iniciaram o processo de produção de escrita acadêmica e que, por isso, ainda não possuem o *habitus* do campo. E apenas 5,41% da amostra demonstrou domínio em relação à prática da escrita acadêmica, deixando de apresentar preocupação de adequação ao campo e passando a apresentar preocupações do tipo: “Conquistar o leitor” e “Escrever de forma acessível para a sociedade em geral”.

A intenção de escrever de forma acessível para a sociedade em geral, e conseqüentemente, produzir políticas culturais para a diversidade só é possível se o produtor(a)/gestor(a) cultural tiver domínio das regras do campo. E, como Bourdieu já demonstrava: “é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção.” (BOURDIEU, 1989, p. 12). É preciso compreender como está a distribuição de capitais na luta interna do campo – dentro das dinâmicas sociais/institucionais da UFPR – para então compreender as dinâmicas externas ao campo institucional: os níveis municipais, estaduais e federais. Já que a elaboração de projetos culturais sempre esteve, continua e continuará sendo dependente da política cultural posta em prática pelo Estado.

Assim, para que os editais do Ministério da Cultura e a elaboração de projetos culturais seja acessível para a sociedade em geral, é preciso uma pesquisa-ação institucional, que forneça uma compreensão da cultura escrita desses tipos de textos técnicos e as dificuldades enfrentadas no processo de leitura, compreensão e elaboração desses; para que, então, possa-se ofertar aos estudantes, profissionais e comunidade em geral uma formação basilar de Linguagem Simples que

realmente consiga conversar com a realidade dos/das escreventes, e que respalde didaticamente os seus processos de escrita e integre suas ideias e prospecções às políticas culturais. Pois, a elaboração e gestão de projetos pela diversidade cultural deve prezar e preconizar ações que incidam sobre o problema histórico e estrutural do Brasil: a desigualdade social.

Diante desse problema, propomos no Pós-doutorado em andamento – vinculado ao Projeto de Extensão Laboratório de Cultura Digital, que é um convênio entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Ministério da Cultura (MinC) – distribuir e democratizar a “propriedade” de acesso à cultura não apenas na recepção, mas na participação social através da submissão de projetos culturais da população, aplicando o método desenvolvido na tese de doutorado da primeira autora (REZENDE, 2021) e estratégias de adoção, formação e aplicação de Linguagem Simples. O foco de auxílio pretende abarcar, em um primeiro momento, os profissionais da cultura como produtores(as), conselheiros(as), gestores(as), agentes culturais, graduandos(as) e pós-graduandos(as) da área, para posteriormente, atingir o seu público final: as camadas da população menos assistidas ou excluídas do exercício de seus direitos culturais – pelos marcadores sociais de classe, cor de pele, etnia, gênero, religião, região, etc.

Referencial teórico

O embasamento teórico que guia a investigação e as ações decorrentes deste projeto de pós-doutorado transversa, como aponta Bernard Lahire, “no cruzamento de uma sociologia das profissões, de uma sociologia dos processos de reconhecimento simbólico e de uma sociologia das práticas artísticas.” (LAHIRE, 2004, p. 321). Uma vez que, a dificuldade de escrever editais e projetos culturais envolve um desafio triplo para quem escreve: é uma prática profissional – que envolve uma ciência –, é uma busca por reconhecimento simbólico que se conformará em investimento econômico – e que envolve distintos capitais, inclusive o emocional, e é uma ação criativa – que em sua forma e conteúdo é estruturada e estruturante das/nas/para/com as práticas artísticas.

Assim sendo, os autores basilares que nos auxiliam são: Howard Becker, Pierre Bourdieu e Bruno Latour. Buscaremos brevemente demonstrar a contribuição de cada um deles para a condução da pesquisa e das suas ações decorrentes. O foco da contribuição será pautado nas relações que cada um estabelece entre escrita acadêmica e produções artísticas de modo a manter um fio condutor coerente (mas, é urgente explicitar que as produções de cada um vão exponencialmente muito além do fio condutor aqui proposto).

Assim, começamos por Howard Becker, que em diversas obras – como *Truques da escrita* (2015); *Segredos e truques da pesquisa* (2007) e *Mundos da Arte* (2010), compara a criação da escrita acadêmica à criação da obra de arte, demonstrando que a teoria da composição de ambas era similar: “Durante vários anos ministrando o curso [de redação acadêmica], desenvolvi uma teoria da composição que descreve o processo que gera o texto e também as dificuldades de redigi-lo. Ela aparece, em forma mais geral, em *Art Worlds* [...], como uma teoria de criação de todas as espécies de obras de arte.” (BECKER, 2015, p. 38). Howard Becker ainda articula que os escritores acadêmicos, ao escreverem, não consultam um manual, “mas consultam sim outra coisa: um padrão de gosto, uma noção generalizada de como alguma informação deve soar ou parecer. Se o resultado não contrastar demais com esse quadro generalizado, eles deixam ficar.” (BECKER, 2015, p. 104).

As reflexões, comparações e inferências propostas por Becker ao buscar compreender o processo de criação da escrita no mundo acadêmico não poderiam deixar de evocar os trabalhos de Bourdieu, principalmente aqueles que refletem sobre a construção social do gosto, o poder simbólico e as regras da arte. Assim, Bourdieu em diversas obras como *Homo academicus* (2017), *Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário* (1996a), *A distinção: crítica social do julgamento* (2007), *A economia das trocas linguísticas* (2008), *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico* (2004), *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (1996b) – compara o campo acadêmico ao campo artístico: “O *homo academicus* gosta do acabado. Como os pintores acadêmicos, ele faz desaparecer dos seus trabalhos os vestígios da pincelada, os toques e os retoques” (BOURDIEU, 1989, p. 18). Não somente nessa passagem, mas em toda a sua construção teórica, Bourdieu consegue embasar a epistemologia desse procedimento comparativo: “Este modo de pensamento realiza-se de maneira perfeitamente lógica pelo recurso ao método comparativo, que permite pensar relacionalmente um caso particular constituído em caso particular do possível, tomando-se como base de apoio as homologias estruturais entre campos diferentes. (BOURDIEU, 1989, p. 32-33).

Possibilitando a mesma relação, Bruno Latour também em diversas obras, mas a exemplo emblemático da obra “*Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*” (2000) formula igualmente essa analogia da escrita acadêmica com a produção artística:

Os textos científicos parecem aborrecidos e sem vida, de um ponto de vista superficial. Se o leitor recompuser os desafios que estes textos enfrentam, eles passarão a ser tão emocionantes quanto um romance. “O que acontecerá agora ao herói? Será que ele vai aguentar mais essa provação. Não, isso é demais até para o melhor. Como?! Ele venceu? Incrível!! E o leitor ficou convencido? Ainda não. Ah hah, aí vem um novo teste; impossível atender a essas exigências, é muito duro. Injusto, isso é injusto.” Imaginem-se os aplausos e as vaias. [...] Quanto mais nos inteiramos das sutilezas da literatura científica, mais extraordinária ela nos

parece. Passa a ser uma verdadeira ópera. Multidões são mobilizadas pelas referências; dos bastidores são trazidas centenas de acessórios. À cena são chamados leitores imaginários aos quais se pede não só que acreditem no autor, mas também que soletrem os tipos de torturas, provas e testes por que os heróis precisam passar antes de serem reconhecidos como tais. A seguir, o texto desenvolve a dramática história desses testes. Na verdade, os heróis triunfam de todos os poderes das trevas, como o príncipe da Flauta mágica. O autor vai acrescentando mais e mais testes impossíveis, parece que só pelo prazer de ficar vendo o herói superá-los. Desafia plateia e heróis, mandando um novo vilão, uma tempestade, um demônio, uma maldição, um dragão; e os heróis vencem. No fim, os leitores, envergonhados das primeiras dúvidas, têm de aceitar tudo o que o autor disse. Essas óperas se desenrolam milhares de vezes nas páginas de Nature ou da Physical Review (para deleite, admito, de poucos, pouquíssimos espectadores mesmo). (LATOUR, 2000, p. 90-91)

Assim como escrever textos científicos, escrever projetos culturais pode ser tanto uma experiência de aventura – “uma verdadeira ópera” – quanto uma experiência de tortura e sofrimento para aqueles e aquelas que não “dominam as regras do campo” que não dominam as técnicas de “retórica”. E como aponta Francis Ponge: “fundar uma retórica, ou, sobretudo, ensinar a cada um a arte de fundar sua própria retórica, é uma obra de saúde pública. (Francis Ponge, 1929-1930). Desse modo, é preciso discutir a escrita de projetos culturais e a escrita

[...] científica como forma de retórica, na intenção de persuadir, e quais eram as formas de persuasão tidas como legítimas ou ilegítimas pela comunidade científica. Insisti na natureza retórica da redação científica, embora os estudantes, como muitos docentes, acreditassem que algumas maneiras de escrever eram tentativas ilegítimas de persuadir, ao passo que outras se limitavam a apresentar os fatos e deixavam que eles falassem por si sós. (Esse aspecto foi extensamente examinado por sociólogos da ciência e estudiosos da retórica. Ver, em especial, Bazerman 1981, Latour e Bastide 1983 [...]). (BECKER, 2015, p. 38).

Os projetos culturais não são escritos de modo diverso pelos diferentes escritores/produtores, e que “entrar em contato com eles não significa deixar a retórica e entrar no reino mais tranquilo da razão pura. Significa que a retórica se aqueceu tanto ou ainda está tão ativa que é preciso buscar muito mais reforces para manter a chama dos debates.” (LATOUR, 2000, p.55). É exatamente essa presença de aliados que demonstra que “a controvérsia está suficientemente acalorada para gerar documentos técnicos”, pois “a diferença entre literatura técnica e não-técnica não está em uma delas tratar de fatos e a outra, de ficção, mas está em que a última arregimenta poucos recursos e a primeira, muitos, incluindo os distantes no tempo e no espaço.” (LATOUR, 2000, p.58-59). Com essa base teórica é possível ensinar a arregimentação de recursos retóricos para o fomento de uma literatura técnica – usando a Linguagem Simples: ensinar cada um a vender seu peixe.

Metodologia

Ao investigar as dificuldades que os/as produtoras culturais e os grupos socio-acêntricos enfrentam diante da interpretação de editais e elaboração de projetos culturais, e ao buscar apontar algumas possibilidades de lidar com tais dificuldades a intenção é democratizar o capital simbólico da escrita de forma a torná-lo acessível. Desse modo, a pesquisa-ação institucional configura-se como um método de pesquisa coerente para aquilo que me propomos, pois como Teresa Haguette aponta: “a proposta de Barbier da pesquisa-ação institucional se apoia em três pilares: a sociologia institucional de Bourdieu e Passeron (1970), o marxismo contemporâneo de C. Castoriadis, de H. Lefebvre e L. Goldmann e no existencialismo de Sartre.” (HAGUETTE, 1995, p. 138-139). E, além disso:

A pesquisa-ação, como método de abordagem do real, tem sido informada pelos mais variados matizes teóricos. Sua principal característica, a intervenção, se presta tanto a ações integradoras que levam à autorregulação do objeto de estudo (grupo, instituição, movimento social, indivíduo), e a mudanças não radicais, como a contestação das estruturas, e à luta por transformações revolucionárias. [...] É também dentro desta tradição que se coloca o método de conscientização de Paulo Freire, no Brasil (1970), a pesquisa participante de Orlando Fals Borda (1983), na Colômbia, e de Oliveira e Oliveira (1983) na África. (HAGUETTE, 1995, p. 116-117).

Os caminhos metodológicos que buscamos neste projeto de pós-doutorado, se aproximam dos pilares da pesquisa-ação institucional, pois ela é um tipo particular de pesquisa “cujo objeto refere-se ao campo institucional no qual gravita o grupo em questão. Trata-se de desconstruir, através de um método analítico, a rede de significações das quais a instituição é portadora, enquanto célula simbólica” (BARBIER, 1985, p. 156-157). A instituição enquanto objeto de estudo passa a ser “vista não só como um locus de ‘violência’ (Bourdieu e Passeron), mas um locus do ‘imaginário social’ (Castoriadis)” (HAGUETTE, 1995, p. 142).

Esse imaginário social – que aqui nesta proposta de pesquisa é o imaginário da escrita e leitura de editais e projetos culturais – é compartilhado pelos agentes e possui significações que “são quase sempre ocultas ou não ditas e que devem ser desveladas pelo grupo, através da análise de sua quotidianidade, da ‘interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade’ (Lefebvre).” (HAGUETTE, 1995, p. 143). Dependendo de cada agente, tais significações são mais ou menos apreendidas “de acordo com sua ‘consciência possível’ (Goldmann) naquele momento. Cabe, pois, ao pesquisador impulsioná-lo para que ele atinja o ‘máximo de consciência possível’ e, de acordo com ela, possam ser formulados programas de ação pelo próprio grupo.” (HAGUETTE, 1995, p. 143).

Prospecção de resultados

Como o Pós-doutorado teve início em janeiro de 2024, ainda não é possível apresentar os resultados desta pesquisa. Entretanto, é importante ressaltar o quanto a Linguagem Simples é uma prioridade para o Ministério da Cultura e seus servidores, bem como para a sociedade civil. Durante o processo de condução desta pesquisa foi possível, juntamente com outras pesquisadoras, aplicar uma pesquisa quantitativa e uma qualitativa na 4^o Conferência Nacional de Cultura, e as análises preliminares já apontam para a importância do tema aqui debatido: uma Política Pública de Escrita – ensinar a Linguagem Simples para a democratização da cultura.

Conclusão

A escrita de editais e projetos é o cerne de uma complexa rede de disputas, e o domínio desse “capital” configura-se como uma propriedade não apenas simbólica, mas, sobretudo, econômica: é o meio de convencimento que capitará o investimento financeiro. É preciso, então, observar, investigar e analisar tais dinâmicas estruturais. E como aponta Bourdieu, “não é possível apreender os espaços sociais de outra forma que não seja a de distribuições de propriedades entre indivíduos.” (BOURDIEU, 1989, p. 29).

Sendo então a escrita um importante capital, é urgente e necessário ações institucionais voltadas para o investimento desse capital, para que ele seja democratizado para a população e, sobretudo, para os grupos socio acêntricos. É preciso produzir pesquisas sociológicas sobre a prática de escrita de editais e projetos culturais e suas problemáticas socioculturais e estruturais. Pois a formação profissional do produtor e gestor cultural depende do “domínio da escrita”. E não há como falar de “profissionalização” em detrimento de “amadorismo” se as bases epistêmicas que fundamentam os cursos de produção cultural *em-curso* nas universidades brasileiras ainda estão apoiadas em materiais “bibliográficos” que não partem de dados científicos, que não se baseiam em uma sólida pesquisa com instrumentos de coleta, análise e interpretação de dados, e que não são acessíveis para os próprios estudantes e, menos ainda, para a comunidade externa à universidade.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação na Instituição Educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BECKER, Howard. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LAHIRE, Bernard. **Trajetória** acadêmica e pensamento sociológico: entrevista com Bernard Lahire. *Educação & Pesquisa*, v. 30, n. 2, p. 315-321, 2004.

LATOURETTE, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida. **Como escrever academicamente: uma sociologia artística da escrita acadêmica, das emoções e do processo criativo**. 2021. 379f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73301> . Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL, Umbelino. Projetos Culturais. In: RUBIM, Linda (orgs.); BARBALHO, Alexandre; RUBIM, Antonio Albino Canelas... (et al.) **Organização e Produção Cultural**. Salvador: EDUFBA; FACOM/CULT, 2005. 186p. (Coleção sala de aula). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/146/4/Organizacao%20e%20producao%20da%20cultura.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.